SOJA

AS ELEVADAS COTAÇÕES EXTERNAS DA SOJA FORAM O PRINCIPAL INCENTIVO AO PLANTIO. O PROCESSO DE ALTA NÃO SE MANTEVE POR MUITO TEMPO, LEVANDO À SUSPENSÃO DAS EXPORTAÇÕES, O QUE CRIOU SÉRIOS PROBLEMAS PARA OS PRODUTORES E PARA A INDÚSTRIA. ESPERA-SE QUE AS EXPORTAÇÕES DA SOJA E DERIVADOS RENDAM AO PAÍS, ESTE ANO, CERCA DE US$ 3 BILHÕES.

Os produtores de soja, diante dos preços registrados em **Chicago** no segundo semestre de 1983, resolveram investir e apostar na cultura, na safra 1983/84. Depois de muitos anos, assistiu-se a uma corrida para o plantio, que fez lembrar a euforia do início da década de 70.

Em todos os estados, houve uma intensa procura por sementes, cuja disponibilidade foi o principal fator limitante da expansão da lavoura. De qualquer forma, o quadro que se delineava, no início do plantio, não poderia ser mais animador. Falava-se em preços médios ao produtor, na época de **pico** de comercialização, ao redor dos Cr$ 25 mil/saca, cinco vezes mais do que a média de 1983. Cogitava-se, ainda, da obtenção de até US$ 4 bilhões com as exportações de soja e seus derivados, mais de US$ 1 bilhão acima do obtido no ano anterior. O entusiasmo da época fez parecer reais as perspectivas que, de fato, eram apenas potenciais.

No plano interno, era conhecida a escassa disponibilidade de sementes, como conseqüência do excesso de chuvas em maio de 1983, que reduziu sua produção. Acrescente-se, ainda, que a Circular 706, do **Banco Central do Brasil**, ao desobrigar o uso de sementes certificadas, quando da tomada de recursos para o custeio, desestimulou a produção, a partir da safra 1982/83.

Apesar disso, estimou-se que a área plantada com soja poderia crescer até 10% em relação aos 8,5 milhões de ha, de 1983. A produção, por sua vez, foi projetada por diversas entidades bem acima das 16 milhões de t, contra 14,6 milhões na última safra.

A agricultura, entretanto, é naturalmente sujeita a instabilidades. Já no início do plantio, registraram-se alguns problemas de escassez de chuvas, o que fez com que se retardasse a semeadura. Plantaram-se variedades precoces, numa época em que o mais indicado já eram as de ciclo médio e tardio, o que poderá refletir-se sobre a produtividade. Posteriormente, a seca, que ocorreu nas regiões produtoras, entre dezembro e janeiro, deve ter causado algumas perdas localizadas, pois a soja tem uma boa capacidade de recuperação.

O final de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro foram marcados por chuvas regulares que, além de recomporem a umidade do solo, propiciaram o combate natural ao surto de lagartas que vinha ocorrendo. Este tipo de praga aparece no período seco, sendo eliminadas por fungos que se desenvolvem nas plantações, quando há umidade.

Até meados de fevereiro, as condições gerais das lavouras permaneceram boas, com produtividades médias estaduais projetadas não mais em níveis potenciais, mas dentro da média histórica dos rendimentos, em anos normais.

Dessa forma, no Paraná, espera-se uma produtividade ligeiramente superior aos 2 mil kg/ha e no Rio Grande do Sul, as estimativas do **IBGE** e da **Fecotrigo** se aproximam, situando-se em torno dos 1.540 kg/ha.

Apesar das dificuldades iniciais, diversas entidades vêm estimando que o plantio da soja apresentou um incremento da ordem de 7% nacionalmente, o que representaria algo em torno dos 9,1 milhões de ha.

Em nível de estado, nesta safra, além dos aumentos (já tradicionais) no Centro-Oeste, registrou-se um sensível crescimento da área do Paraná. O Rio Grande do Sul deverá repetir os 3,6 milhões de ha semeados em 1983. A explicação geral para o aumento do plantio são os já referidos elevados preços externos da soja. Outros fatores também estiveram presentes, porém.

No Paraná, o aumento estimado de 150 mil ha, 7% a mais do que em 1983, deve-se ainda ao decréscimo do algodão e à erradicação de cafezais. No Rio Grande do Sul, a despeito das previsões iniciais de aumento de área, a estiagem de dezembro e a escassez de sementes em geral e de ciclo médio e tardio, em particular, fez com que a área se mantivesse estável. É nesse estado ainda, que já se registram as primeiras perdas da safra 1983/84. As regiões de São Borja, São Luís Gonzaga e Itaqui foram bastante atingidas pela seca.

No Centro-Oeste, o crescimento da área mostrou-se bastante acentuado, ficando os maiores aumentos por conta dos estados de Mato Grosso e Goiás. Áreas já desmatadas e onde se produziu arroz por um ou dois anos passaram a ser incorporadas ao plantio de soja. Neste ano, os preços estimulantes do mercado internacional

parecem ter acentuado a vantagem que as terras mais baratas da região (em relação aos estados do Sul) oferecem ao cultivo da soja. Conforme se observa no Quadro 10, a produção apresentou grande crescimento nos estados centrais, apesar da distância dos centros processadores. A área colhida no Centro-Oeste foi multiplicada por três, entre 1977 e 1983, enquanto, na região Sul, houve um decréscimo, a partir de 1980.

Para 1984, o **IBGE** estima que sejam plantados perto de 2 milhões de ha no Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul e Goiás e projeta uma colheita de 3,5 milhões de t, nesses três estados.

É possível que se deva ter alguma cautela em relação aos resultados das lavouras, nesta safra, uma vez que deve ter sido semeada uma boa quantidade de grãos comuns, em lugar de sementes certificadas, em especial no Centro-Oeste, que tradicionalmente importa esse insumo dos outros estados.

De qualquer modo, pode-se supor que, mantidas boas condições climáticas até a colheita, o rendimento médio no país se situe ao redor de 1.750 kg/ha. Em anos de safras **cheias**, como os de 1979/80 e 1980/81, os rendimentos médios foram de 1.727 kg/ha e 1.765 kg/ha, respectivamente. Esse patamar de rendimento representaria uma safra pouco inferior a 16 milhões de t.

A obtenção de um bom resultado no campo, contudo, é condição necessária, mas não suficiente, para a obtenção pelos produtores de uma boa receita financeira ao final da safra, a qual depende, ainda, das condições de comercialização. Nesse aspecto, estão sendo delineadas dificuldades, tanto internas quanto no panorama internacional. No plano interno, diante da necessidade de cumprimento do acordo com o **Fundo Monetário Internacional**, serão comprimidos os gastos governamentais, o que significará, para o **Setor Agrícola**, uma redução na disponibilidade de recursos para **Empréstimos e Aquisições do Governo Federal (EGF's e AGF's)**. Além disso, já haviam sido elevadas as taxas de juros, para os empréstimos na fase de comercialização da safra 1983/84, para 100% da variação das **ORTN's** mais 3%, no caso dos produtores e 100% da variação das **ORTN's**, mais 12%, no caso dos beneficiadores. Também foram aumentadas para 100% da variação das **ORTN's** mais 3% as taxas de juros a empréstimos destinados à exportação (indústrias e **trading companies**).

QUADRO 10 - SOJA-EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA NO BRASIL E EM REGIÕES SELECIONADAS – 1978 A 1984 – 1.000 ha

	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983
Região Sul	6.590	6.512	6.846	6.919	6.550	6.084	5.783
Região Sudeste	549	671	653	723	730	745	728
Região Centro-Oeste	480	587	754	1.130	1.201	1.361	1.618
Brasil	7.070	7.780	8.256	8.774	8.485	8.202	8.136

FONTE – IBGE

Esse conjunto de medidas dificulta, pelo encarecimento e/ou escassez, a obtenção, por parte dos agricultores, de crédito de comercialização, que existe justamente para possibilitar o espaçamento das vendas ao longo do ano, o que, em tese, aumenta a receita auferida pelo produtor rural.

No caso da soja, os empréstimos ao segmento exportador acabavam sendo repassados, também, em parte, aos agricultores.

Os possíveis reflexos desta situação são preços menores aos produtores e, mais provavelmente, encarecimento dos preços dos produtos finais aos consumidores de farelo e óleo.

Nesse cenário, a queda das cotações internacionais da soja em grão, farelo e óleo só vêm trazer novas dificuldades ao fluxo de comercialização. Inicialmente, em setembro de 1983, quando se teve como certo que uma violenta seca tinha reduzido a safra norte-americana em aproximadamente 20 milhões de t, os exportadores brasileiros traçaram planos ambiciosos. Propunham colocar elevadas quantidades de produtos no mercado internacional no primeiro semestre de 1984 e re-importarem, no segundo semestre, para abastecer o mercado interno. Esse movimento garantiria um ganho líquido para os exportadores e para a balança comercial, pois se previa que as cotações tenderiam a declinar no segundo semestre, em função da previsível recuperação da safra 1984/85, nos **EUA**.

No entanto, a realidade está sendo diferente. Os preços internacionais da soja e seus derivados têm caído constantemente e, em meados de fevereiro, situaram-se no patamar de US$ 7/**bushel**, depois de terem atingido US$ 8,83/**bushel** como média mensal, em setembro último. Diante disso, a **Cacex** suspendeu as exportações, alegando que estaria havendo manobras, por parte de um conjunto de empresas, para provocar a queda dos preços. Aquele organismo deve ainda fixar preços mínimos de exportação e propor à **Argentina**, que deverá colher perto de 5 milhões de t, uma estratégia conjunta de comercialização. Para os produtores e industriais, a suspensão das vendas representa um novo problema: como financiar a retenção dos estoques de grão, farelo e óleo, já que deverão escassear mesmo os recursos que normalmente eram utilizados como ca-

pital de giro na comercialização? De qualquer forma, é improvável que o Brasil possa se ausentar do mercado por muito tempo. O complexo da soja tem grande importância na geração do superávit comercial no primeiro semestre e o cumprimento das metas de exportação parece fundamental para que o **Fundo Monetário Internacional** continue dando o seu aval à política econômica do país.

Conhecendo essa situação, é possível que os importadores de soja e seus derivados tenham-se retraído, acentuando um sentimento baixista já existente no mercado.

É evidente que os importadores terão de retomar suas compras, assim como é evidente que o Brasil terá de vender, até porque, se não o fizer, outros fornecedores o farão.

Independente de manobras especulativas de quaisquer participantes do mercado, a demanda por soja tem-se retraído. As exportações e a moagem do produto norte-americano apresentaram quedas substanciais em relação ao ano agrícola 1982/83. Conforme se observa no Quadro 11, a demanda (moagem mais exportações) de soja nos **EUA**, caiu de 1º de outubro de 1983 a 5 de fevereiro de 1984, 15% em relação ao ano anterior. Também a moagem brasileira foi 14% menor e o resultado disso é uma demanda global de 21,2 milhões de t contra 25 milhões de t no mesmo período do ano anterior.

A principal razão apontada para esse desempenho é a manutenção do dólar supervalorizado em relação às moedas européias. Em janeiro de 1984, por exemplo, a moeda norte-americana alcançou o seu mais alto valor dos últimos dez anos em relação ao marco alemão, situando-se 18% acima da média de janeiro de 1983.

No início de fevereiro, o dólar desvalorizou-se ligeiramente, mas ainda não é possível prever a recuperação da demanda baseada no barateamento dos preços das **commodities** que o enfraquecimento do dólar no mercado europeu causaria.

QUADRO 11 – SOJA – INDICADORES DA DEMANDA MUNDIAL – 1982/83 E 1983/84[1] – 1.000 t

	out-82/jan-83	out-83/jan-84	VARIAÇÃO PERCENTUAL
EUA			
Exportação	10.029	8.296	–17
Moagem	11.731	10.177	–13
BRASIL			
Moagem	2.847	2.444	–14
Total[2]	24.993	21.161	–15

FONTE – Safras e Mercado

[1] Ano comercial internacional outubro/setembro.

[2] Inclui a soma das exportações brasileiras, argentinas e paraguaias de soja em grão, pouco expressivas nessa época do ano.

Para o Brasil, esse é um dado fundamental, que ditará a que níveis de preços seus produtos serão vendidos. Os outros dois componentes importantes do cenário são, daqui para a frente, a evolução da demanda interna dos **EUA**, assim como sua safra 1984/85.

De acordo com as informações disponíveis até agora, o **USDA** está projetando para 1983/84, preços médios de US$ 290 t de soja em grão, US$ 250 t de farelo e US$ 620 t de óleo, o que possibilitaria um ingresso líquido próximo de US$ 3 bilhões, com a exportação de 1,5 milhão de t de grão, 8 milhões de farelo e 900 mil t de óleo.

O abastecimento interno e os preços praticados no mercado interno estarão, como sempre, atrelados à evolução do mercado internacional.

Não é garantido que cotações em queda em **Chicago/EUA** redundem em menores preços do óleo nas prateleiras dos supermercados. Às vezes, o preço baixo no mercado externo é argumento para a elevação dos preços internos. Neste caso, alega-se que é preciso fazer um **mix** de preços que possibilite às empresas continuarem funcionando. Em nível de produtor, é possível projetarem-se preços para maio, da ordem de US$ 23 mil/sc, seguramente menos do que se pensou à época do plantio, mas ainda assim, apresentando um retorno bruto próximo aos 40%, descontando-se os custos de produção calculados pela **Fecotrigo**.

É necessário acrescentar que muita coisa ainda está por ser definida. Além da própria safra, a política de comercialização determinará a estratégia de todos os participantes do mercado.

